

DOI: [10.20396/rfe.v14i1.8670073](https://doi.org/10.20396/rfe.v14i1.8670073)

Dossiê: Educação e epistemologias

Silvio Sánchez Gamboa 

No contexto das diversas crises que atingem a educação como direito humano, a compreensão dos processos sociais que visam a formação humana plena e de qualidade para todos os membros da sociedade nos diversos patamares de desenvolvimento, também vem sendo ameaçada, quando as intervenções políticas e ideológicas, pretendem reduzir e empobrecer os processos educativos limitando-os a domínios técnicos e saberes práticos, e distanciando a reflexão sobre a educação dos domínios conceituais e teóricos, que levam a uma formação humana integral e ao desenvolvimento das capacidades para a participação cidadã e para o raciocínio crítico transformador.

Nesse contexto, conhecido como “recoo da teórica” e de empobrecimento da compreensão das condições humanas e dos projetos históricos da transformação social torna-se necessária a retomada dos debates sobre a compreensão da educação, considerando suas bases históricas e filosóficas. Nesse mesmo contexto, justifica-se a implementação da reflexão crítica sobre as diversas práticas educativas, em nível, pessoal, institucional e nos campos da formação profissional e da pesquisa em educação. A Epistemologia, como campo de estudos que potencializa essa reflexão crítica, além de abordar a problemática da natureza, especificidade e limites dos conhecimentos produzidos sobre os diversos campos de atuação humana, contribui, também, para tornar os processos do raciocínio humano mais claros e eficientes, otimizando a síntese e as articulações entre os diversos elementos que integram a produção do conhecimento científico no campo da educação.

Justifica-se essa proposta na necessidade da implementação da reflexão crítica sobre as diversas práticas educativas, em nível, pessoal, institucional e nos campos da formação profissional e da pesquisa em educação. A Epistemologia, além de abordar a problemática da natureza,

especificidade e limites dos conhecimentos produzidos sobre os campos de atuação e das práticas pedagógicas, contribui para tornar os processos do raciocínio humano mais claros e eficientes e otimizar a síntese e as articulações entre os diversos elementos que integram a produção do conhecimento científico no campo da educação. O domínio de conceitos basilares, das principais categorias e referências, assim como de instrumentos da análise epistemológica da produção do conhecimento favorece o debate em torno do estatuto científico da educação e das tendências pedagógicas contemporâneas.

Tais reflexões e debates têm importantes desdobramentos na formação profissional, tanto inicial nos cursos de graduação na construção da identidade profissional e suas bases científicas e filosóficas, assim como, na consolidação da especificidade das titulações a serem obtidas nos programas de pós-graduação como mestres e doutores em Educação.

Atendendo a essas necessidades e demandas, a RFE abre seu espaço para a divulgação de trabalhos sobre essas temáticas. Nesse sentido, dedicou este número (1º de 2022), a divulgação de trabalhos sobre a temática da Educação e as epistemologias. A organização deste número temático contou com a valiosa colaboração do Prof. Dr. Marcelo Donizete da Silva da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e a seleção de trabalhos vinculados à disciplina igualmente intitulada “Educação e Epistemologias” ofertada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) no 1º semestre de 2021. Além da seleção de trabalhos vinculados a essa disciplina, também foram aceitas outras matérias encaminhadas pelos autores que atenderam o edital de chamado de trabalhos

Assim, a seleção de trabalhos inclui nove (9) artigos diretamente relacionados com a temática proposta e que compõem a seção do dossiê e seis (6) artigos da seção de fluxo contínuo da revista Filosofia e Educação.

O 1º trabalho que compõe a seção do número temático, intitula-se: “A Pedagogia Histórico-Crítica no quadro das ideias pedagógicas contra hegemônicas”. Esse trabalho aponta as principais contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) no quadro das ideias pedagógicas que compreendem o fenômeno educativo e as práticas pedagógicas articuladas aos interesses da classe trabalhadora. As autoras destacam o desenvolvimento coletivo da produção dessa perspectiva filosófica que no contexto nacional acumula uma série de realizações de eventos, cursos e disciplinas, livros, artigos, teses e dissertações que vem influenciando diversas práticas pedagógicas em nível nacional. O trabalho relata o histórico do surgimento e evolução dessa tendência no meio ao debate com outras propostas contra hegemônicas, sinaliza suas principais teses e apresenta o registro dos principais resultados da produção acumulada desde 1987 a 2020 (33 anos) assim como indica a necessidade de continuar com os balanços da produção do conhecimento, que adentrem na análise dos conteúdos e das relações com as diversas práticas pedagógica, indicando avanços e possíveis lacunas a serem coletivamente assumidas.

O 2º trabalho, intitulado “A concepção ideológica da Teoria da Complexidade que se desdobra na educação brasileira e latino-americana” apresenta os dados da pesquisa realizada na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas-SP (2010). Além da apresentação dos dados, o autor analisa os conteúdos específicos da teoria da complexidade de Edgar Morin, suas implicações na produção da pesquisa e da educação brasileira e latino-americana e sua influência nas reformas educacionais dos anos de 1990, dando sustentação ao colonialismo epistemológico das teorias neoconservadoras e ao abandono da tradição crítica do pensamento educacional brasileiro. Após apresentação dos pontos fundamentais da pesquisa, o autor discorre sobre quatro teses fundamentais que auxiliam na crítica acerca da base conceitual da complexidade e seu papel nos seguintes processos: 1) do retrocesso da tradição crítica aos fundamentos da educação neoliberal e o processo de reforma da educação básica; 2) da leitura minimalista da educação à valoração da pragmática educativa; 3) da crise do

sujeito para a deterioração da educação para a diversidade; e 4) do mito da educação do futuro para a cultura do mundo sedimentada no mercado. Segundo o autor, “Assim, se a cultura planetária para a formação da sociedade mundial é perpassada por essa hipótese, a proposta de futuro da educação é condizente com a leitura mercadológica do sistema educacional” (SILVA 2012 p 189)

O 3º artigo do dossiê intitula-se, “Educação e epistemologias: críticas à pedagogia das competências à luz da pedagogia histórico-crítica”. O texto desenvolve uma reflexão crítica sobre a pedagogia das competências como tendência pós-moderna. O trabalho está organizado em três partes. Na primeira, retoma as principais referências da pedagogia histórico-crítica que serve de base para fundamentar as críticas à pedagogia das competências, conteúdo da 2ª parte do artigo, A terceira parte destaca a relação entre a pedagogia das competências e as recentes políticas educacionais do estado de São Paulo. Nas conclusões, o autor consolida a crítica na necessidade de resgatar a concepção de educação pautada na totalidade, superando a visão segmentada e individualista da educação e da formação dos educadores e defendendo os interesses planetários e universais, assim como as questões éticas, ambientais, relacionadas com a justiça social e a valorização da vida.

O 4º trabalho, intitulado, “Atravessando Linhas: diálogos sobre epistemologias e educação” discute a relação da diversidade epistemológica no campo das ciências humanas e seus pressupostos para a produção do discurso científico no campo da educação. A discussão é interpelada pela especificidade das ciências humanas em contraposição às ciências naturais. Reconhecer a existência de um pensamento abissal em educação é condição *sine qua non* para atravessar linhas e para pensar o impensado no ocidente moderno. É imperativo desenhar um caminho alternativo, de modo a desaprender, ignorar e esquecer alguns conhecimentos já “validados” para aprender outros que há muito tempo vêm sendo “esquecidos” e ignorados, tais como, a ecologia dos saberes em educação se vem se desenhando a partir do diálogo com as epistemologias feministas e pós-coloniais.

O 5º trabalho leva o título de “Corporeidade e epistemologia”. O artigo analisa as diversas concepções epistemológicas do conceito “corporeidade”. A corporeidade tem sido usada em situações diferentes, considerando que este termo se apresenta como um processo de totalidade do ser humano para além do corpo entendido apenas como componente biológico. As análises foram realizadas a partir de uma revisão de livros e artigos publicados a partir de 2000. Os resultados indicam que o conceito de corporeidade tem referenciais provenientes da fenomenologia, do materialismo dialético e do movimento pós-moderno, sendo a primeira, a mais recorrente.

O 6º trabalho intitulado, “Mapeamento do método fenomenológico nas pesquisas em educação no Brasil” apresenta um mapeamento das dissertações e teses brasileiras na área da Educação que, utilizam a Fenomenologia como referência central na definição do método de investigação. O levantamento foi realizado no Banco de Teses e Dissertações da Capes. Foram encontrados 1.142 registros, dos quais 89 foram analisados, utilizando como recorte aqueles orientados pelos pesquisadores com maior número de orientações nesta perspectiva. Constatou-se a grande diversidade de procedimentos adotados, e dentre eles, o aumento da presença da Fenomenologia nos estudos da área da Educação, identificou-se, ainda, a presença marcante da corrente da Hermenêutica, em detrimento de pesquisas fundadas exclusivamente na Fenomenologia Estrutural.

O 7º trabalho intitulado “Humanismo marxista em Edward Thomson e Paulo Freire: a educação vista de baixo” analisa aspectos teóricos comuns entre o historiador inglês Edward Palmer Thompson e o educador brasileiro Paulo Freire, ambos criticados pelo marxista ortodoxo como idealistas ou culturalistas, entretanto, nesse sentido, o autor afirma “é inegável que os dois autores são defensores de um projeto socialista em defesa da humanidade, da democratização da sociedade, contra a desumanização e em favor da emancipação. Freire e Thompson, preocupam-se com a consciência dos trabalhadores, dos sujeitos históricos e de sua experiência cultural”. O autor alerta que não há a pretensão de incluir os dois autores em um mesmo campo

teórico, o marxismo, mas destacar que a cultura - enquanto modos de vida e experiência em Thompson – e como leitura de mundo em Freire, se constitui como fundamento da historiografia social e da educação popular humanizadora. Desta forma, o marxismo e a educação são vistos de baixo, ou desde a perspectiva dos interesses populares.

O 8º trabalho tem o título de “Paulo Freire e a Pedagogia Libertadora: uma ameaça à perspectiva de educação neoliberal da (extrema) direita no Brasil”. No contexto dos debates contemporâneos sobre os projetos educacionais em confronto, a Pedagogia freiriana vem sofrendo constantes ataques por parte da extrema direita do país. Nesse sentido, o trabalho busca responder às seguintes questões: quais as principais perspectivas e fundamentos da Pedagogia freiriana que ameaçam a extrema direita do Brasil? Para tanto, buscamos responder às seguintes questões norteadoras, a saber: quem foi Paulo Freire? Em qual contexto emerge a Pedagogia libertadora? Qual a perspectiva de educação defendida pela extrema direita e suas divergências históricas com a Pedagogia freiriana? Com base numa pesquisa bibliográfica sobre os principais estudiosos da pedagogia da libertação, Brandão (1981) Paludo (2008; 2010), Prado (2016), Gadotti (2001) e Maciel (2017) e com o referencial crítico do Materialismo Histórico Marx (2013), Gramsci (2011) e Mészáros (2011), dentre outros, o autor confirma que “a educação transformadora proposta por Paulo Freire, em um país em que reina a intolerância, a desigualdade, o preconceito e exploração de classe não é bem-vinda, porém é extremamente necessária, fato este que contribui para que esta pedagogia, frente à extrema direita do Brasil, seja compreendida enquanto uma ameaça. Freire, por ser necessário, é ameaçador e afronta a extrema direita que vive da exploração do trabalhador”.

O 9º trabalho intitulado, “Bases epistemológicas da Educação do Campo: projeto histórico e teoria pedagógica” discute os aspectos filosóficos e epistemológicos da Educação do Campo no bojo das tendências pedagógicas contra hegemônicas contemporâneas. Para tanto, as autoras recuperaram e atualizaram os balanços da produção do conhecimento sobre a Educação do Campo e constataram a hegemonia dos estudos que utilizam a

expressão “Educação do Campo” em detrimento ao uso do termo “Educação Rural”, sinalizando a necessidade de novos estudos sistemáticos. Afinal, a adoção do termo Educação do campo não indica, necessariamente, o comprometimento com o campo pedagógico crítico em confronto com a Educação rural, tida como uma perspectiva hegemônica tradicional.

A seção de artigos, encaminhados a RFE na forma de fluxo contínuo, foi delimitada a seis (6), embora, na data de fechamento deste número, a revista registrasse um total de 58 submissões ativas, muitas delas aprovadas pelo corpo de pareceristas, entretanto 50% na fase de correção e ajustes¹.

O 1º artigo de fluxo contínuo, intitulado “Educação escolar quilombola: do silenciamento à emancipação” caracteriza o processo de formação da educação quilombola e seu paralelismo com a educação das relações étnico-raciais. Descreve a educação quilombola no cenário da educação brasileira como uma das formas de rompimento do silenciamento imposto aos quilombolas, um dos setores marginalizados do Brasil e ao mesmo tempo abre espaços de diálogo com a emancipação humana. As análises apresentadas utilizam o método crítico-dialético para entender a situação contemporânea dos quilombolas na sequência histórica de suas lutas perante as movimentações socioeconômicas prevalentes. Sua força emancipadora fica por conta da prática educativa.

O artigo “A epistemologia do uso e a educação: algumas implicações”, o 2º artigo do fluxo contínuo, analisa a questão do ensino e da aprendizagem a partir de uma de uma nova concepção filosófica, com base na *epistemologia do uso* de Arley Moreno. Essa epistemologia se apoia em Kant, Granger e Wittgenstein, como atividade terapêutica que possibilita “curar” concepções educacionais de problemas existentes quando apoiadas em teorias dogmáticas. Para atingir esse objetivo, o autor situa a epistemologia do uso de Moreno no campo teórico e aborda seus fundamentos filosóficos, alguns conceitos, a partir dos quais analisa as perspectivas educacionais, destacando

¹ Devido ao limite orçamentário, a RFE está aprovando até 15 matérias a serem publicadas por número, somando 45 artigos por ano.

novas reflexões sobre o uso e o contexto, o treino como atividade para a aprendizagem, bem como sobre o papel do professor.

O 3º artigo selecionado no fluxo contínuo, intitulado, “Por uma educação filosófica do olhar” apresenta conceito do olhar, mais especificamente a educação do olhar no encontro entre a filosofia e a educação. Toma os conceitos do olhar e os modos de vida e pensamento desde Platão e Descartes até as perspectivas mais contemporâneas da filosofia da diferença, operando com o tema da conversão a partir de uma perspectiva foucaultiana do cuidado de si, para pensar sobre a potência de uma educação filosófica do olhar na escola

O 4º artigo intitulado “Auto(trans)formação permanente com professores e os temas catástrofes e interdisciplinaridade” relata uma atividade planejada por professores de educação básica para estabelecer a necessária relação dialógica com seus pares e estudantes, a partir do documentário “Arquitetura da Destruição” para explorar o tema catástrofes, e o contexto histórico-político-social que ocorre. Para compreender a atividade considera a escola como um ambiente de interação onde todos aprendem e utiliza como referência sob a perspectiva hermenêutica filosófica de Gadamer, Adorno e Trevisan para sustentar os temas de catástrofes/educação e Fazenda para a compreensão da interdisciplinaridade.

O 5º artigo tem o título: “Para começar a falar sobre ética”, destaca a atualidade e abrangência da temática da ética em todos os campos e setores da sociedade, sejam eles acadêmicos, educacionais, profissionais, empresariais, políticos e científicos. Entretanto, o conceito é abordado desde distintas e até mesmo contraditórias bases teóricas, perspectivas e interpretações. Diante disso, o artigo centraliza a discussão nas relações da ética com a moral e a deontologia no intuito de preservar tanto o sentido filosófico das proposições éticas quanto o rigor argumentativo das discussões emergentes tanto de contextos teóricos não-filosóficos como e de situações vivenciais.

O 6º artigo intitulado “Os critérios de cientificidade na pesquisa-ação: uma metassíntese qualitativa (1998-2019)” apresenta os resultados de uma análise epistemológica de uma seleção de investigações que se identificam com a pesquisa-ação, caracterizando e analisando suas apropriações ou ressignificações e indicando as tendências e as potencialidades desse tipo de pesquisa na área da educação. Os resultados da análise indicam que os problemas apontados e suas soluções expressas em intervenções e ações são realizados sem uma recuperação histórica da dinâmica do local onde se desenvolvem esses estudos.

Convidamos aos leitores a disfrutarem das leituras dos trabalhos deste número especial dedicado à problemática epistemológica da educação e ao debate sobre a diversas correntes contemporâneas que embasam a prática pedagógica e os projetos históricos da relação educação e sociedade. Esperamos que os conteúdos aqui apresentados sejam também, referências para novas pesquisas e publicações.

Maceió, 30 de abril de 2022.

ⁱ Doutor em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Editor da Filosofia e Educação.

Publicado em: 30/04/2022